



# JORNAL

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

## MODAS.

### DESCRIÇÃO DA ESPANNA.



Aqui tendes, querida leitora, uma das bellas gravuras que pelo ultimo paquete chegarão de Pariz, da mais recente publicação do *Moniteur de la Mode* que podemos obter no Rio de Janeiro. É um gosto poder offerer-vos figurinos tão modernos, quando precisamente temos a certeza de que ninguem os poderá dar melhores e de mais bom-tom.

Desta pontualidade com que o JORNAL DAS SENHORAS vos serve de tão bom grado, tendes vós a grande vantagem de ficardes conhecendo o que ha de mais moderno no mundo das modas parisienses, embora o vosso gosto vos leve a escolher entre outros quaesquer figurinos antigos os moldes que mais vos agradarem, pois que sou eu a primeira em dizer-vos que vos não deveis limitar ao circulo sómente dos nossos figurinos, quando elles não possuem satisfazer às vossas exigencias. Entretanto porém o JORNAL DAS SENHORAS tem alcançado o seu fim, que é justamente mostrar-vos pelas suas gravuras o que ha de mais moderno e de mais bem accito em Pariz, habilitando-vos desta fôrma a conhecerdes a moda, que é o ponto essencial.

E com isto fica a Christina muitissimo satisfeita.

Tendes pois duas lindas figuras: a da vossa direita em *toilette de baile* e a da esquerda em *toilette* de estar em casa.

A figura da direita está em vestido branco de *moirée antique*. Esta seda, como bem o sabeis, não é o que propriamente chama-se *chamalote*; entre uma e outra fazenda ha grande differença. O *chamalote* é um tecido singelo e ondeado, igual e repetido, emquanto que o *moirée antique* é o contrario: seu tecido é mui forte e o ondeado largo e variavel, o que lhe dá toda a belleza.

Um saióte de filó, orlado em volta de um redondo *trancelim* de ouro, reveste a saia do vestido sómente. Parecerá á primeira vista que este filó é um simples filó branco bordado ou pintado de azul em um saióte menos distincto, mas assim não é. Pequenas florinhas azues delicadamente feitas em pano são collocadas symetricamente pelas mãos da modista sobre o filó, de maneira que produz depois um effeito vivo e lindissimo, e lhe dá a mais bella e delicada distincção.

O cabeção é executado sob o mesmo capricho e tambem orlado de *trancelim* de ouro; mas feito todo em fofinhos unidos.

As mangas, como vêdes, são mui curtas e estreitas actualmente, para serem mangas da moda.

Deveis notar neste figurino, que as luvas são curtas, quando estão em moda as luvas de punhos compridos; mas observai tambem que, para não faltar

às devidas proporções, o figurino traz pulseiras largas muito acima das luvas para melhor compôr e substituir a falta dos punhos; donde se pôde inferir que, com estas mangas em que o braço fica muito nu, as luvas curtas devem ser acompanhadas de pulseiras que fiquem collocadas tres polegadas acima.

O penteado desenvolve uma galantaria e distincção toda nova neste genero. Posto em execução elle sobresabe com muito mais elegancia do que vêdes no figurino. Seus enfeites consistem em duas plumas ondeantes, ao lado esquerdo, e um crescente de veludo escurate envolvido em uma grade de ouro que lhe adorna a trança.

Deveis notar porêm o repartido do cabello e as diferentes fórmãs que elle toma. Os bandós são primeiramente guarnecidos de uma volta transversal de trança, e logo depois de um canudo de cabellos no mesmo sentido, o qual deixa apenas espaço entre o amarrado para sobresahir o enfeite de veludo. É mui bonito este penteado; assim os cabelleiros do Rio de Janeiro delibêrem-se a executal-o com perfeição.

A figura da esquerda está em vestuario de casa, com uma saia lisa de tafetá côr de chocolate; Cazawock da mesma fazenda, bordado em alamares, de mangas pagóde e sub-mangas de renda.

Fingindo um colete fechado, serve-lhe uma das camisinhas modernas, de renda, invenção que veio substituir com muito mais propriedade os coletes até aqui usados, ao mesmo tempo que os representa perfeitamente pelo seu talho elegante, e não deixa com tudo de ser um colete.

A pequena touquinha, enfeitada de laçadas de fita verde, é adorno de muito bom gosto no vestuario de estar em casa; muitas vezes porêm ella poderá acompanhar um *toilette* mais caprichoso, sem que por isso passe por máo gosto o realce de sua belleza.

Algumas elegantes fluminenses tenho eu visto usarem já destas touquinhas em passeio e visitas de pequena cerimonia. Madame Barat servia-se em um dos dias da semana passada de uma dellas, tão linda que estive ás duas e ás trez pedindo-lhe aquella mesma para mim: era enfeitada de fita estreita de veludo côr de ouro e côr de vinho, mas este enfeite era de uma graça inexplicavel; a combinação destas duas côres, entre a alvura da renda e o escuro dos cabellos, dava-lhe uma belleza vixissima.

Assim que cheguei à casa mandei levar-lhe a minha touca pedindo-lhe que tivesse a bondade de substituir os seus enfeites azues por aquelles que tanta inveja me fizeram.

E fico esperando a minha touca para contar-vos no Domingo proximo o que houver de melhor no mundo elegante.

23 de Abril.

Christina.

Ainda as nossas queridas leitoras por certo não se esquecerão da suave melodia dessas notas cheias de canto e doçura desferidas pela voz da artista Stolz nos mais sublimes momentos de seu cantar apaixonado; nem do seu transitorio reinado a impressão dos notaveis acontecimentos está de toda extincta da vossa memoria. Pois bem, nós vamos

dar-vos uma traducção do que á este respeito publicou o *Artista*, o primeiro Jornal de Pariz de litteratura e bellas artes; depois da sua leitura estamos que haveis de sentir o que nós sentimos, essa satisfação pura e fresca que suavisa e acalma as affeições de passados desgostos. Devemos acrescentar, que este mesmo Jornal, além do seu excellente artigo, traz bellas grávuvas, e entre ellas uma linda estampa collorida representando em um bem ideado desenho todas as joias que n'essa noite de triumpho recebeu M.<sup>o</sup> Stoltz no Rio de Janeiro. Estas estampas acompanhadas do *Artista*, que os Srs. Carlos Valais & Comp.<sup>ª</sup>, mandarão vir de Pariz para offerecerem ás quarenta e quatro senhoras que inscreverão seus nomes nas prendas que offerecerão á Rosina Stoltz, estampas que hoje correm por milhares de mãos em Pariz, as nossas leitoras poderão vel-as na rua do Ouvidor n.<sup>o</sup> 81, na scintillante loja destes Srs., cuja delicadeza e boas maneiras nos autorisã a affiançar-vos o prazer que terão em vos poder prestar este pequeno serviço.

Eis o artigo do *Artista*.

## A SENHORA STOLTZ

NO RIO DE JANEIRO.

A senhora Stoltz, a engraçada Rosina, que por muito tempo foi a alegria dos nossos olhos e de nossos ouvidos; a Sra. Stoltz que outr'ora foi a paixão diffundida e a poesia viva da nossa opera; a Sra. Stoltz, dizemos, reasumiu por assim dizer a sua mocidade e o seu antigo esplendor no novo mundo, que ainda hoje pula de gosto aos accents admiraveis d'esta voz divina. O que aconteceu no Rio de Janeiro foi mais que um triumpho, foi um delirio.

A côrte e a cidade, os suburbios e os campos, o Brazil todo abalou-se para ouvir. Nunca artista algum foi mais applaudido; nunca o entusiasmo subiu a maior auge, de tal sorte que se a Sra. Stoltz aspirasse a posse de todas as riquezas do Brazil, bastára-lhe ter cantado uma hora mais. Eil-a bem vingada d'essa verdadeira indifferença com que os Parisienses costumão tratar aos seus artistas, ainda os mais bem accitos. — Queremos cousas novas, dizem elles, embora as não hajão — e a este incessante desejo da novidade, sacrificã a gloria da vespera, e renegão até o ultimo palpitar do coração.

Desde que a Sra. Stoltz se ausentou d'entre nós, temos successivamente applaudido ora uma que cantava com a cabeça, ora outra que cantava com o peito, esta que cantava como um homem, aquella que não cantava absolutamente; mas por ventura deparámos já uma só vez com essa verdadeira musa do canto e da paixão, que encantando o nosso espirito, sequestrára o nosso coração para nos levar arrebatados até o espaço infinito? Ah! por certo que a escola de Rosina Stoltz ninguem nol-a pôde restituir, cadente, conceituada, cheia de paixão!!

E' para nós muito agradável acompanhar a Sra. Stoltz, no seu passeio ao novo mundo que a aclama e a corôa a cada passo. E' para nós uma consolação o poder registar o seu triumpho, na sua ausencia. Vêem-nos á lembrança os bellos dias da opera, e com esta recordação a esperança de ainda a poder-

mos ouvir. Sem que pretendamos historiar a sua peregrinação pelas duas Americas, pois que o triumpho é sempre o triumpho, queremos todavia traduzir aqui o que nos dizem os jornaes do Rio sobre a estada d'esta grande artista na capital do Brazil, onde o seu triumpho foi magnifico, e onde cumpre confessal-o Suas Magestades Imperiaes, grandes protectores das artes, folgão de as amar e de as fazer cultivar pelo seu povo.

*Seguem-se traduzidos os artigos que sobre a Sra. Stoltz derão o Jornal do Commercio e o Correio Mercantil, por occasião do seu beneficio.*

« O Imperador e a Imperatriz que, como já dissemos, nunca deixão de honrar as reuniões que tem por objecto applaudir e consagrar as artes, assistirão á esta representação com a mais alta aristocracia do Rio de Janeiro; a marquezia de Maceió, a viscondessa de Paraná, a viscondessa de Abrantes, a condessa de Iguassú, a viscondessa de Mont'Allegre, em uma palavra, toda a corte.

« O Imperador e a Imperatriz brindarão a Sra. Stoltz com um collar de brilhantes e de perollas, obra do apurado gosto dos Srs. Valais e Marin, que são os Froment-Maurice do Rio de Janeiro. A corôa seria por si só de subido preço se não tivesse o valor inestimavel de haver sido dada por um modo verdadeiramente imperial.

« A moralidade que se pôde tirar de tudo o que fica relatado é, que os talentos sobre-eminentes devem ir ao Rio de Janeiro.

« Os jornaes de Pariz responderão, qual écho sonoro aos do Brazil. Eis aqui como o Sr. Florentino, por exemplo, se explica a este respeito.

« A Sra. Stoltz deixou o Brazil apóz uma série de brilhantes representações no theatro imperial do Rio de Janeiro. Na noite do seu beneficio houve tanto entusiasmo, que se me não tivesse sido contado por testemunhas oculares, não o acreditára, posto que as folhas que ali se publicão o confirmassem. O espectáculo compunha-se de uma scena de Carlos VI, do 3.º e 4.º acto da Favorita, e de um bailete.

Ponhamos de parte o tumulto, a agitação estrondosa, os chamados á scena, os ramalhetes de flôres, as palmas e o aceno dos lenços, porque tudo isto são preliminares já sabidos em casos taes: vamos ao melhor.

Uma artista, quer dizer uma rival que em qualquer outro paiz do mundo, na impotencia de não poder arrancar os olhos á beneficiada, se teria conservado arredada, talvez escondida no fundo de um camarote, para não tomar parte n'esta ovação triumphal; no Rio por um milagre de modestia, de cordialidade e de bom gosto, digno de ser para sempre celebrado na historia dos theatros, sim, esta rival e esta artista, entrando no proscenio, e depois de ter comprimentado todo o publico, pronunciou estas palavras com uma voz assás commvoída: « Permitti, « senhores, que uma artista que participa do vosso « entusiasmo pelo raro talento da Sra. Stoltz, ve- « nha ella tambem offerecer-lhe um tributo de ad- « miração, de reconhecimento e de amizade.»

E voltando-se para a cantôra, disse:  
« Aceitai, minha senhora, esta pequena homenagem que vos offereço hoje como artista, como « amiga, e como co-irmã.»

Julgue qualquer, se um publico tal, extasiado no mais alto gráu de frenesi, ficaria frio presenciando uma scena tão bella e de tanta commoção! Pois sabia-se que este phenomeno de bondade e de abnegação, se chama a Sra. Caudiani, e que o presente que ella offereceu á Sra. Stoltz foi uma corôa de pennas raras, e das mais bellas borboletas do paiz.

Teve isto lugar depois da scena de *Odetto*. No fim porém do espectáculo, e cantado o duetto da *Favorita*, a Sra. viscondessa de Abrantes, debruçando-se sobre o parapeito do seu camarote estendeu os braços para a artista, e aos applausos repetidos de toda a sala, lhe apresentou sobre uma almofada, bordada pela sua propria mão, uma corôa de ouro cravada de brilhantes. Quarenta e quatro fitas da mesma largura pendião d'esta corôa, e sobre cada uma das fitas lia-se, bordado com letras de ouro, o nome de uma das senhoras da corte, que offerecião á cantôra este rico presente.

É impossivel portar-se em taes circumstancias com mais galantaria, nem com mais magnificencia.

— Tudo isto quer dizer que o paiz do sol é tambem o paiz das artes, e que os applausos á intelligencia se harmonisão perpetuamente com a magnificencia da natureza. O Imperador do Brazil que conhece a Europa, a qual tambem é sua patria, por isso que sua Mãe foi uma Princeza d'Austria, estende mão protectora a tudo quanto, com um nome justamente adquirido, vem do velho mundo trazendo ou um bom livro, ou um bello quadro, ou uma bella voz, ou um grande talento em qualquer arte.

O que cumpre declarar aqui em alta voz é, que toda a sociedade do tom no Rio de Janeiro se distingue pela graciosa maneira com que acolhe todas as obras de genio, e bastará o Sr. Coelho (refere-se ao Sr. Marcellino José Coelho) só para lhe servir de Mecenas, se a poderosa sabedoria do Imperador D. Pedro não fosse mais que sufficiente para renovar o seculo de Augusto na outra margem do oceano. »

Lord Pilgrim.

T. da R. em chefe.



## O NEGOCIANTE DE CABELLOS.

A elegante loja, do illustre cabellereiro Augusto reflectiu uma noite d'este inverno em suas paredes de espelhos uma scena de dôr e enternecimento, bem rara em um lugar consagrado á esta industria.

Uma moça entra e chega-se, chorando e sem poder tomar respiração, ao elegante balcão do cabellereiro; depois desprendendo seus cabellos inundou seus hombros com uma torrente de tranças pretas que se deslizarão até o assoalho.

Augusto estava admirado: sua admiração se partilhava entre a entrada extraordinaria, e os bellos cabellos que fluctuavão á sua vista.

— Senhora, disse elle emfim com a obsequiosa polidez das pessoas de sua profissão, á desconhecida que não havia ainda fallado; senhora, tendes em verdade lindissimos cabellos: que devo fazer em vosso serviço?

— Estes cabellos estão para vender, disse a moça esforçando-se por conter os soluços, quereis compral-os ?

Augusto deixou o balaço para ajustar.

— Depende a compra, disse elle, depois de haver ligeira e discretamente tocado nos cabellos, do preço que pedis. Confesso que os cabellos são bellos, mas sabeis que este genero vai-se tornando diariamente menos raro. As tranças vão ficando fóra da moda, e os crescentes não exigem tanta riqueza.

Este comprimento de cabellos convém optimamente aos cordões, mas não somos do officio; os que são, só os comprão por vil preço. Todavia se vos agradão trinta francos, aqui estão á vossa disposição.

A moça extremeceu e cobriu o rosto com seus cabellos para occultar suas lagrimas.

N'este momento sahio da sala do fundo, onde se córta o cabello, um homem baixo, entre as duas idades, vestido sem exquisites, mas não sem esse accéo que denota o homem abastado.

A physionomia da nova personagem trahia a figura que caracteriza o industrioso, affeito aos enganos do commercio. Um ar de benevolencia paterna animava suas feições, que devião, vinte annos antes, ser muito agradaveis.

— Minha filha, disse elle á joven desconhecida, pergando-lhe com bondade na mão, e fazendo um ligeiro signal ao cabellereiro, não aceiteis o preço que offerece o senhor Augusto, que faz honrosamente seu commercio, desejando todavia ganhar alguns escudos para pagar as despezas que o opprimem. De sua parte seria fazer-me concurrencia entrar em ajustes que dizem respeito a meu estado. Sou mercador de cabellos em grande e forneço-os á Franca e á algumas nações estrangeiras, até mesmo os mando para America. A sahida, que com difficuldade acharia um pequeno negociante, é para mim a cousa mais simples do mundo. Dar-vos-hei cem francos por vossos bellos cabellos e, senão quiser dar mais o senhor Augusto, está concluído o negocio, salvo se julgais o preço ainda baixo. Peço-vos porém que noteis. . .

— Nada mais, disse a moça; accito. Podeis cortar-me estes cabellos que para mais nada me servem.

Depois escondeu o rosto com as mãos. O negociante de cabellos tomou a thesoura em uma mão e com a outra aliza as magnificas tranças pretas.

— Estes cabellos estão mal tratados, disse elle depois d'um momento de silencio e hesitação. Vede, senhor Augusto, que cabellos tão secos e tão sem lustro ! é pena !

A moça voltou-se e ajuntou as mãos com um ar de terrór que fez sorrir o homem.

— Tranquillisai-vos, disse elle; um negociante honrado tem palavra, e eu me não desdarei. Depende porém de vós tornar-me melhor a compra, e se o fizerdes, de boa vontade darei mais alguma cousa. Eu me explico, acrescentou elle com um tom grave.

Tem os cabellos uma vitalidade que lhes é particular, mas os sucos que alimentão seus tubos não lhes bastão, sobre tudo quando tem um comprimento tão extraordinario como o vosso. Para lhes conservar a energia que lhes dá o lustro e a flexibi-

lidade, é mister empregar o soccorro dos aromas, e dos linimentos gordurosos. No estado em que estão vossos cabellos são inflexiveis e quebradiços; mas se forem preparados para esta operação por um conveniente tratamento, certamente se augmentará seu valor.

Proponho pagar-vos hoje metade do preço convencionado e dar o resto d'aqui a oito dias. Entretanto tratareis dos vossos cabellos como vos vou indicar. Tereis a bondade de dizer-me onde morais, ou antes permittereis acompanhar-vos até vossa casa. Minha idade e as condições do nosso ajuste tornão mui admissivel minha proposição: aceiteis ?

A moça, como se pensa, em tudo consentiu. O velho negociante comprou a Augusto uma porção de cosmeticos, cujo uso foi explicando á moça mui prolixamente; depois sahio com ella, e no fim de meia hora ambos pararão defronte d'uma casa modesta da rua de Borgonha.

Pelo caminho a divertida conversação e o tom benevolo do negociante havião ganho o coração da moça, que tinha confiança, como é de uso, em sua idade. Demais o dinheiro, de que ella parecia ter tanta necessidade, era cuidadosamente apertado por seus lindos dedos, e a pressão que imprimia ao precioso embrulhinho dispunha sua alma á alegria e aos sentimentos de benevolencia.

Quando o homem se despedia para se retirar, a candida menina lhe propoz descançar em casa de sua mãe.

Em quanto subião ambos os oitenta degraus que ião dar ao quinto andar da casa, a moça fez a seu velho cavalheiro a expressa recommendação de não fallar a sua mãe do ajuste que havia feito.

— Pois não; disse o negociante dando a estas palavras banaes um accento de verdadeira sensibilidade; pois não, comprehendendo-vos e serei discreto. Se mesmo fôr necessario pregar alguma mentiraziinha a respeito dos cincoenta francos que tendes na mão, eu o farei: quando a gente tem trinta annos de commercio, não tem embaraço, em achar algum subterfugio; estou certo que mentirei melhor do que vós.

É visto que não devia o negociante de cabellos esperar entrar em um aposento sumptuoso; entretanto a ausencia de moveis que lhe feriu os olhos, pareceu causar-lhe penosa admiración. Todavia dissimulou-o com a polidez das primeiras saudações.

Em um mau leito, que guarnecia uma alcóva com bambinellas, jazia uma senhora velha, que se sentou logo que viu chegar sua filha. A dôr e a miséria não havião podido despojar suas feições enrugadas d'um ar de verdadeira nobreza e de inexprimivel doçura. O recém-chegado adivinhou immediatamente que sob os farrapos d'esta horrivel indigencia se encobria um grande e illustre infortunio, e ás maneiras cheias de bondade substituiu um tom de polidez grave que teria feito honra a um homem de mais elevada classe na escala social.

A moça esperava que o mercador arranjasse alguma historieta a respeito do seu conbecimento e dos cincoenta francos que ella possuia. Julgai porém de sua perturbação quando o maligno pôz-e



GERVAN

**MONITEUR DE LA MODE**

Rue Richelieu 92 à Paris.



*Agence de Robes de M<sup>me</sup> Laure Heibel rue Richelieu 92 - Stoffs des Villes de France*

*Dépôt en Cheveux de Semaines et Coiffures du Cap<sup>te</sup> Honore - Marché de Chagnon - de la tête*

*Eventail de Vagner rue Richelieu 88 - Bureau de la Maison de Commission Casalle Boul' des Capucines 1*

*Verre de M<sup>me</sup> Dorselin rue Louis le Grand - entelles des Fabriques Françaises et Belges rue Vivienne 13*

*Coiffures et Accessoires rue du Dauphin*

a contar succinta e rapidamente quanto se havia passado.

Era para ver então a pobre enferma abraçar com seus magros braços o corpo da sua excellente filha, abraçá-la com fervor, com soluços, e agradecer ao Céu por haver dado à sua velhice indigente e enferma as santas consolações d'um anjo de devoção e bondade.

Um quarto d' hora passarão n'estes abraços sem que dessem a menor attenção ao bom negociante que se limpou com o seu lenço vinte vezes, antes de poder compôr o rosto por uma maneira conveniente.

Depois a velha enferma lhe apresentou suas desculpas, e o negociante a interrompeu sem cerimonia.

— Não podeis deixar de conhecer, lhe disse elle, que depois do espectáculo enteneecedor que acabo de presenciar, não posso dar execução ao ajuste.

A moça estremeceu.

— Guardareis o que vos dei, senhora, não como donativo, mas como empréstimo. Fostes perfeitamente educada, estou certo disso, e não vos podem faltar os meios de ganhar honradamente a vida; é preciso achar occasião de empregal-os. Dizei-me, que sabeis fazer? tendes sem duvida algum talento, possuis alguma prenda de recreio.

— Minha filha desenha muito bem, disse a senhora velha com essa apparencia de orgulho que diz tão bem ás mãis quando elogião suas filhas.

— Um!... fraco recurso, respondeu o negociante estendendo desdenhosamente o heicho inferior. O desenho pode servir para passar o tempo e nós precisamos utilisal-o.

— Tambem sei pintar, disse a moça; sou discipula do Sr. Vatelet.

— Não tenho a honra de conhecer o Sr. Vatelet; se porém sabeis pintar, poderei procurar-vos trabalho para o fazerdes em casa... Agora me lembra uma cousa. Estou inteiramente ligado com o Sr. Carlet, proprietario de uma fabrica de porcelana. Se não temeis descer até á modesta profissão de obreira, fallarei a vosso respeito ao Sr. Carlet, que certamente vos occupará. Podereis ganhar pintando flores ou paisagens em objectos de porcelana, tres ou quatro francos por dia, e talvez mais, se realmente tiverdes talento: o meu amigo Carlet é conhecedor, e como elle é a mesma prohibidade, podemos entregar-nos a elle a respeito do apreço de vosso trabalho. Se este partido vos convém virem amanhã dizer-vos o resultado do que vou fazer.

— Homem generoso, exclamou a doente, mostrando nos olhos seu terno reconhecimento, vós me dareis mais do que a vida se puderdes assegurar a existencia de minha querida filha.

— É justo, disse o negociante pegando em seu chapéo, que futuros amigos conheço ao menos seus nomes respectivos. Chamo-me Dumont, é um nome bem obscuro, mas é honrado, e espero que o pronunciareis com prazer.

— A pobre condessa de Amanvillers, que sem vós talvez morresse de miseria e desesperação, vos offerta as benções de uma mãe.

— E Jenny os agradecimentos de uma terna filha, disse a encantadora donzella deixando cahir

uma lagrima de reconhecimento sobre a mão de Dumont.

Dumont recebeu, sem desconcertar-se, estas tocantes demonstrações de reconhecimento, e sabiu, promettendo voltar cedo.

A Sr.<sup>a</sup> d'Amanvillers era viuva de um conde d'este nome, que tinha sido official da guarda sob o reinado de Luiz XVIII, e que havia morrido crivado de dividas em 1826. Desde este tempo a Sr.<sup>a</sup> d'Amanvillers vivia de uma pensão de dous mil francos dada pela lista civil. A revolução de julho veio arruiná-la como a muitas outras: no espaço de tres annos ella percebeu dous socorros de cincoenta escudos, e ainda assim era necessario que dous enviados especiaes viessem examinar sua pobre habitação e lavrar um termo especial de sua miseria.

O trabalho da mãe e filha pôde sustentá-las nos primeiros annos, mas a saude arruinada do Sr.<sup>a</sup> d'Amanvillers não pôde resistir ás privações que a si propria impunha. Ella cahiu doente, e não podendo a agulha de sua filha sustentar a ambas, depois de ter vendido os objectos indispensaveis que a miseria tinha até então respeitado. Jenny pensou em seus bellos cabellos, orgulho e amor de sua pobre mãe.

O Sr. Dumont veio no outro dia como o havia promettido. O Sr. Carlet havia acolhido sua proposição, e Dumont trazia meia duzia de chcaras de porcelana para ornal-as com grinaldas coloridas na forma do modelo junto á encomenda. Jenny, que realmente tinha talento, se encarregou do trabalho com uma confiança que pareceu de bom agouro a seu protector.

Antes de se retirar, o Sr. Dumont fez entrever ás duas Senhoras a possibilidade de poder obter do governo algum meio de subsistencia, e no entretanto offereceu, sempre a título de empréstimo, uma pequena somma que teve a habilidade de fazer aceitar por a Sr.<sup>a</sup> d'Amanvillers, para comprar de tinta.

Em verdade o Sr. Dumont era um homem estimavel. Sua fortuna não era consideravel, mas era solteiro, e tinha ajuntado com que viver na abundancia retirando-se do commercio; e podia, como dizia sem ostentação, fazer alguns beneficios quando isso lhe dava na cabeça. De mais elle tinha idéas proprias a respeito da outra vida; sinceramente acreditava que Deus tinha para cada individuo uma conta corrente, de deve e hade haver, e elle se esforçava por contrabalançar por acções boas e uteis as faltas de que se não pôde livrar a fraqueza humana.

Havia uns quinze dias que o negociante de cabellos vinha regularmente passar de tarde uma hora ou duas com as senhoras em casa dellas, que já então estava provida, tal qual, dos objectos mais necessarios á vida: um sentimento mais forte que a beneficencia parecia suggerir a Dumont as attensões que elle prodigalisava ás duas senhoras.

Um dia, contra seu costume, o Sr. Dumont veio de manhã; era para dar uma boa noticia. O governo havia concedido a pensão á Sta. d'Amanvillers e além disto a rainha tambem lhe concedia um soccórro em consequencias de sollicitações secretas do Sr. Dumont. A somma concedida pela bemfazeja rainha era o dobro das adiantadas pelo ne-

gociente... Infelizmente Jenny não estava em casa para compartilhar os primeiros transportes de sua boa mãe; ella tinha ido levár seu trabalho ao Sr. Carlet e receber seu primeiro salario.

Na effusão de sua amizade o Sr. Dumont deixou escapar algumas palavras que fizeram entrever á Sra. d'Amanvilers que o honrado negociante tinha inclinação á sua filha, e que talvez a pedisse em casamento.

O orgulho não fôra jámais o defeito da Sra. d'Amanvilers; todavia justa altivez a dirigia nas circumstancias que interessavão a honra do sua familia: Ella mudou de conversação, promettendo reflectir com madureza sobre este grave objecto e consultar Jenny, cujas inclinações devião primeiro que tudo serem respeitadas.

O resultado d'este pequeno conselho de familia foi o mais favoravel possível ao Sr. Dumont, e quando elle voltou á tarde percebeu facilmente as boas disposições em que estavão as duas senhoras a seu respeito. Um mez depois o negociante de cabellos havia alcançado a mão da encantadora Jenny.

Aqui diremos, que a donzella amava sinceramente ao Sr. Dumont, e era porque este havia advinhado seus sentimentos que se encarregava da felicidade de Jenny.

No dia seguinte convencionou-se que as duas senhoras irião habitar na casa de que o Sr. Dumont era proprietario e unico habitante. Como a saude quasi restabelecida da Sra. d'Amanvilers não impedia esta mudança de residencia, ella se effectuou quatro dias depois; isto é, na vespera do casamento.

O Sr. Dumont offereceu uma bella carruagem, na qual entrarão com innocente alegria as duas senhoras que já havião perdido o habito de tal condução.

Os cavallos pararão debaixo do vestibulo d'um magnifico palacio, cuja fachada apresentava sobre a parte principal um escudo de marmore negro onde se lia em letras de ouro um dos nomes mais illustres do imperio. A mulher do guarda-portão veio ao encontro da carruagem trazendo na mão um enorme ramallete de flores, e disse fazendo uma grande mesura:

— O Sr. duque e a Sra. duqueza me hão de permittir que lhes offereça meus humildes respeitos.

— Sr. duque! Exclamou a Sra. d'Amanviler<sup>s</sup> tremendo.

— Sim, senhora, o duque de T... é um titulo que se ajunta ao meu nome desde a batalha de...

— E vosso negocio? disse Jenny confusa, encostando-se ao hombro de seu illustre noivo.

— Esse negocio, respondeu o duque apertando paternalmente a donzella de encontro ao seu coração, me fez ganhar um thesouro inestimavel; agora não tentarei outros, que está tudo realisado...

*Stephen de la Madelaine.*



### PERDOA-ME.

Si te offendi em mis amores  
Mujer querida, perdôa!  
Mas no olvidem tus rigores  
Que jo sempre tendre flores  
Para hacer-te una corona.

L. L. DOMINGUEZ.

Perdoa-me, Donzella, si algum dia  
Vaidoso pensamento me occupando  
Ciumento exigi-te supplicando  
Que só desses teu riso a mim no mundo  
Aloucado julguei que tantos annos  
De um martyrio em silencio suffocado  
Me dêsse esse direito aconselhado  
Por um amor que eu dei-te tão profundo.

Mas eu soffria tanto a tanto tempo!  
Mas eu te amava co'a loucura n'alma!  
E sem fé no futuro — e sem a calma  
Que quem ama não tem no coração,  
Conversando uma vez tão descuidoso,  
Vaidozo pensamento me occupando  
Ciumento exigi-te supplicando  
Não olhasses ninguem! — anjo, — perdão.

Louco que fui, e que vaidade louca!  
Que direito me dêsse p'ra pedil-o  
Inda mais, ó Donzella, p'ra exigil-o  
O fosse como um rogo — o fosse embora!!...  
Perdoa-me, perdoa si algum dia  
Vaidozo pensamento me occupando  
Ciumento exigi-o supplicando!  
Mas ah! meu Deus — meu Deus — é tarde agora.

É tarde bem eu sei, — o soube logo,  
Tambem já não te peço o teu amor,  
Não mereço essa graça — esse favor  
Que tu darás á outro coração,  
Eu te rogo sómente consolado  
Que não odeies quem tanto te amou,  
E te lembres do tempo que passou  
E depois, e depois... anjo, — perdão.

Petropolis, Março de 1853. — X. y.



### A PATATIBA. (\*)

OFFERECIDO A ILL.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D.

CLAUDINA PINHEIRO DE AGUIAR.

Patatiba primorosa  
Que diz esse teu gorgeio?  
Ouvindo-te assim cantar  
Es p'ra mim um doce enleio.  
Dize-me, bem em segrédo,  
Tu choras o teu degrédo?

(\*) Um pequeno passarinho do Norte do Brazil.

Será teu canto tristeza  
 Por não teres liberdade?  
 Lamentas, nos teus trinados,  
 De quem prendeu-te, a maldade?  
 Serão teus doces harpejos,  
 De ser livre, só desejos?

Quem te deu, torna cantôra,  
 Essa cantiga tão linda,  
 Esses trinados divinos  
 Que dobras com graça infanda?  
 Será o teu canto — dôr,  
 Será — mysterio de amor?

Patatiba primorosa,  
 Que diz esse teu gorgeio?  
 Ouvindo-te assim cantar  
 És p'ra mim um doce enleio.  
 Serão teus doces harpejos,  
 De ser livre, só desejos?

Será, teu canto, saudades  
 D'esse tempo já passado,  
 Que quando solta voavas  
 Junto ao amante adorado?  
 Ou não serás estimada,  
 E — captiva, — mal tratada!

Canta mimosa cantôra  
 Teus gorgeios de encantar;  
 Quero nesses sons divinos  
 Teus arcanos perscrutar  
 Quero teus males saber,  
 Conhecer teu padecer!

Quem te deu esse primôr  
 De no canto enfeitiçar?  
 Quer seja prazer ou chôro  
 Teus gorgeios de encantar!  
 És ávezinha prezada,  
 No teu canto idolotrada.

Patatiba primorosa  
 Canta, canta assim tão lindo;  
 Qu'eu sinto n'alma delicias  
 Os teus trinados te ouvindo  
 Canta — que em doce emoção  
 Quero vêr meu coração!...

S. Christovão, 13 de Abril de 1853.

Innocencio Rego

### O Sr. Noronha.

A indifferença com que são testemunhados os progressos de alguns talentos olvidados entre nós, merece bem a reprovação anathematisada pela consciencia do justo apreciador; e é tão pernicioso sua influencia, como a da cicuta enraizada ao balsamo vegetal, e a do absinthio no elixir vivificador.

Nem sempre os labios do Genio dispõem-se ao sarcasmo ironico de um riso desprezador; nem sempre a resignação acalma-lhe os impetos, quando o egoismo e a indifferença ridicularisam-lhe o merito.

Folhei os factos historicos, que vereis á face de um ingrato Rei, o invicto conquistador partindo a seus pés o gladio vencedor que inabalou-lhe o

throno! Encontrareis o Poeta estalando as cordas de sua Lyra no seio da patria que menosprezou seus cantos! E deparareis com o Artista espedaçando o instrumento de suas inspirações ante o povo que exaltou-se ao seu apparecimento e indifferentizou-se aos seus progressos!

Dir-se-hia que o destino limitou em uma circumscripta esfera alguns mimosos nomenclaturados pela prevençao... parece incrível que ao passo em que os turybulos da profanação oscillão no ar da lisonja, glorificando o charlatanismo e a hypocrisia, á mingua vá fenecendo o Artista que isolado no recinto de suas applicações, vigilando lucubrações, vai devisando seu talento em apurado esmero!.....

É do ensigne artista que eu fallo, do Sr. Noronha, victimado pelo indifferentismo de um paiz, onde sua rebecca quotidianamente arpeja dulcissimas vibrações!.....

Seria longa a série dos factos que documentão a primasia d'esse Artista, e dispensavel por sem duvida sua ennumerção ao povo que o tem applaudido, e á aquelles que o teem deixado no esquecimento, confundindo-o com esses artistas mediocrisados pela esterilidade de suas intelligencias.

Longe está a hyperbole com que conciosamente justifico o merito d'esse Paganini dos nosos dias.

Ahi estão as suas composições brilhantes, filhas de uma concepção vastissima, oriundas de um atiladissimo genio, authenticadas nas Hamadryadas.

Ahi está o Manoel Raymundo monumentando trophéos á sentimental originalidade d'essa imaginação que harmonisou-se ao estro do poeta.

Ahi estão as Ondinas clamando por uma distincta compensação ao seu talento!

Ouvi o Sr. Noronha vibrar as cordas de sua rebecca, e tereis amaldiçoado o indifferentismo com que ludibrião seu merito!

Mandai que na proximidade do tumulo de Julieta elle desfira os lugubres sons de um carne pungidor, e ouvireis a exhalção da vida agonisada no soluço extremo do moribundo Romeo!

Estendei Ismael ás plantas do Corsario zeloso, dai ao algoz o instincto sanguinario do esfaimado tygre, armai-lhe a dextra com aguçada adaga, e quando o despejar do golpe der-lhe movimento ao braço, roçai-lhe pelos ouvidos esse — ai Jesus — da rebecca do Sr. Noronha, que tereis despertado as sensações da victima, e fulminado um raio no assassino petreficado!...

Gervina P.

### Historias no ar.

UM CASAMENTO PELO NARIZ! Dessa ninguem sabia, nem ainda se lembrou o tinhozo nas suas horas de recreio. Logo pelo nariz!... Como foi isto? Ora como havia de ser; eu lhe conto. Em uma certa cidade; que pelo nome não perca, existia um joven muito namorado de uma moça, filha unica de pais abastados, porém coitado sua pobreza lhe não dava esperanças de realisar seus intentos. Neste estado de cousas deliberou consultar um advogado seu amigo. « Tu não tens dinheiro nem facilidade em o



adquirir, lhe perguntou o Doutor; diz-me, deixarás que te cortem o nariz por vinte cinco mil pezos duros? — Que dizes! tal não consentiria eu por dinheiro algum do mundo — Bem, respondeu o advogado, eu tenho cá minha razão para te fazer esta pergunta. No dia seguinte foi o advogado á casa do pai da moça para lh'a pedir da parte do seu amigo, e sabendo que o ginja tinha paixão pelo dinheiro, lhe fallou por estes termos: — O joven que me encarregou de vir pedir-vos vossa filha não tem por ora dinheiro, porém possui uma joia de propriedade absoluta, e que não pode perder, pela qual eu mesmo lhe offereci vinte cinco mil pezos, e m'a não quiz ceder — Esta proposta animou o pai a consentir no casamento, o qual se realisou com satisfação dos contractantes; porém quando o velho soube qual era a joia que possuia seu genro... arrengou semelhante nariz tão caro! D'ahi em diante avaliava os narizes por dez reis de mel coado.

— Já agora que estou nas historias referirei um PARENTESCO SINGULAR do qual me derão noticia ha poucos dias. Se teve lugar ha muito ou pouco tempo, isso não sei, nem estou resolvido a querer saber-o. O que é exacto e não padece duvida, é que em certo logar um homem viuvo e de idade já avançada, abrazou-se de amor por uma rapariga muito moça e desposou-a. Até aqui vamos bem. Passados tempos, o filho unico que este viuvo tinha tido do primeiro matrimonio, veio, tambem a namorar-se, nao de uma rapariga, mas sim da mãe da segunda mulher de seu pai, senhora que se achava ainda na flor da idade; pediu-a em casamento, e em breves dias forão unidos pelos laços de hymenco.

Ora eis ahí um pai genro de seu filho, e uma esposa que não só vem a ser nora do seu proprio genro, como tambem sogra de sua mãe, a qual é nora de sua filha, em quanto que o marido desta é sogro de sua sogra e sogro de seu pai — Muito maior será ainda a confusão, se d'estes dous singulares consorcios houverem filhos.

Tem dado que fallar o tal parentesco!

*Papoula.*

**MORTALIDADE.**

Bom é que vamos dando ás nossas leitoras todas aquellas noticias que entendemos poder contribuir para o maior cabedal de seus conhecimentos litterarios. Neste numero está a seguinte noticia a respeito da mortalidade.

Um sabio calculou que de setecentas crianças que nascem existem no fim de

1 anno.....	550
de 10 « .....	448
de 20 « .....	408
de 60 « .....	190
de 80 « .....	58
de 90 « .....	8
de 100 « .....	1

De modo, que a idade media em que a morte descarrega a sua fouce sobre a especie humana, é de trinta e dous annos.

Suppondo que a terra seja habitada por mil milhões de almas, cálculo assás provavel, e que trinta e tres annos fação uma geração, segue-se que neste espaço de tempo morrem:

- Cada anno..... 30 milhões.
- Cada dia..... 82 mil.
- Cada hora..... 3 mil e quatro centos.
- Cada minuto..... 60
- Cada segundo..... 1

Por este modo, no momento em que estas linhas se escrevem, um dos nossos semelhantes sabe deste mundo; e antes de se passar uma hora, tres mil e quatro centos deixarão de existir.

**LOGOCRIPHO.**

Com a primeira e segunda  
Te cobres quando tens frio;  
Se és a primeira e terceira  
Quando compras de ti fio:

A primeira e segunda ás vezes  
Tambem serve por leite;  
A's crianças tambem serve  
Ou seja d'agua ou de leite.

A primeira quarta e quinta  
É petisco só dos nobres;  
Mas se vem com algum ranso  
Tambem chega para os pobres.

Eu todo não tenho mãos;  
Mas nos sons imito a gente,  
E ás vezes morde em tal fórma  
Que se cré que tenho dente.

J. A. S.

**AS BRASILEIRAS,**

Com este titulo publicarão os Sr. Raphael & C.<sup>a</sup> com armazem de musica na rua dos Ourives n. 41, uma bella collecção de seis modinhas nacionaes, encadernadas em uma rica e linda capa digna de figurar por sém duvida entre as delicadas encadernações da mais caprichosa estante musical de nossas patricias. Sobre o merecimento destas modinhas o que dissemos não explica a belleza que lhe encontramos. Recomendamos a todas as Senhoras amantes deste genero de musica — Canto de Amor — Um beijo por castigo — Amor e Morte — A Rosa — Não te esqueço! — Só Ella!

A decifração da Charada publicada em o n. 16 :  
— COPO —

Acompanha este n. 17, a gravura de figurinos de baile e de estar em casa.

Typ. do *Jornal das Senhoras*, Rua do Ouvidor n. 36.